

# Sophia

*Jorge Fernandes da Silveira\**

“(...) os versos de Sophia de Mello Breyner Andresen, morta há poucos meses, aqui aportaram pela primeira vez no ano passado, com a Companhia das Letras. São poemas refinados, encharcados da maresia lusitana.”

(Cristina Zarur, “Portos abertos da literatura”. *Prosa & Verso*, *O Globo*, 15 de janeiro de 2005)

O que se exige de uma resenha crítica é atenção. Um bom exemplo deste ponto de vista pode estar no excerto acima, extraído de artigo do suplemento literário carioca, dedicado parcialmente às trocas editoriais entre Brasil e Portugal, em que há referência explícita a *Sophia de Mello Breyner Andresen. Poemas escolhidos. Seleção de Vilma Arêas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 283 p.

O trecho citado revela-se hipótese de leitura atenta por duas razões que se completam por meio de uma contradição entre elas. Em primeiro lugar, e de saída, a citação dá conta dos limites da própria escolha da organizadora da antologia. Quer dizer, há nela os pólos extremos que vão do primeiro poema selecionado, “Mar”, de *Poesia* (1944), ao último, “Atlântico”, de *Ilhas* (1989), onde se lê o dístico que inspirou a metáfora de jornal que tenta resumir o caráter português desta poesia: “Mar,/ Metade da minha vida é feita de maresia.”

É um belo laço, de 206 poemas, este que a organizadora atentamente confeccionou entre a parte – mar - e o todo – Atlântico -, entre o começo e o fim da seleção - o título do primeiro poema é o primeiro verso do último poema. Este, embora não seja do último livro publicado, passa a ser observado através

---

\* Professor Titular de Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ. Pesquisador do CNPq. Mestre em Literatura Portuguesa com a Dissertação *escrito e o inscrito: uma leitura da poesia de Fiama Hasse Pais Brandão*, 1974. Doutor em Letras com a Tese *Portugal Maio de Poesia 61*, publicada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, em 1986. Entre os seus títulos contam-se: *Cesário Verde, todos os poemas*, 1995; *Verso com verso*, 2003 e *O beijo partido: leitura de Um beijo dado mais tarde* introdução à obra de Llansol, 2004.

de dois dísticos antológicos de Sophia: “Perfeito é não quebrar/ A imaginária linha// Exacta é a recusa/ E puro é o nojo”. Estes versos - que expressam de forma desassombadamente dialética a vontade de equilíbrio entre o conceito e a metáfora na poética de Sophia ou, noutras palavras, o desejo de o sujeito saber do objeto entre o princípio da fantasia e o da realidade -, isolados como título, postos à maneira de cartaz, na quarta capa do livro, e, ainda, sublinhados como epígrafe do estudo introdutório à seleção, expressam, igualmente, o que no trabalho de Vilma Arêas é um modo de ler inteligentemente as metades no universo poético de Sophia. Observe-se que entre o ano do livro de estréia – 1944 - e o do último antologizado – 1989 – estreitam-se as duas pontas do laço; sem deixar de observar-se, por um lado, porém, que, por um número a mais, 89 não é o duplo exato de 44 e que, por outro lado, não chegam essas pontas a somar todos os livros da Poeta, pois faltam à escolha, sem explicação, poemas de *Musa* (1994) e *O búzio de Cós* (1997).

Logo: o que é perfeito (a “imaginária linha” do verso, no exemplo) pode ser tão exato como a recusa (a “O velho abutre”, Salazar, por exemplo?) e puro como o nojo (na “Meditação do Duque de Gandia sobre a morte de Isabel de Portugal”, por exemplo?).

Um efeito de onda por sinestesia (a visão, o barulho, o cheiro e o gosto da água salgada, a “maresia”) pode, em suma, ter sido calculado como guia de leitura na travessia do primeiro ao último poema da antologia. É essa composição engenhosa pode vir a afogar-se na má impressão de quem, na informação de jornal no início desta resenha crítica, julgando-se talvez humilde diante da grandeza do verso, o repete, maltratando-o todavia, já que a repetição da imagem o desfigura. *No tempo dividido* entre terra e mar, “são poemas refinados”, sem dúvida, os de Sophia, mas não absolutamente “encharcados da maresia lusitana”. “No poema” (“No poema ficou o fogo mais secreto/ O imenso fogo das coisas/ Que esteve sempre muito longe e muito perto”) o que é bonito, às vezes não fica bem na linguagem da crítica. Esta visão ideológica e totalizadora (*de* maresia soaria menos mal, será Portugal o país da maresia?), razão contrária, pois, ao bom gosto de ter dado a ver o tempo e o espaço poéticos entre “Mar” e “Atlântico”, tem, porém, o mérito de provocar a pergunta: de que é feita a outra metade da vida de Sophia de Mello Breyner?

Os grandes poetas portugueses contemporâneos – Jorge de Sena, Carlos de Oliveira, António Ramos Rosa, Ruy Belo, Gastão Cruz, Fíama Hasse Pais Brandão, Luiza Neto Jorge, Armando Silva Carvalho, António Franco Alexandre, Joaquim Manuel Magalhães, Luís Miguel Nava, entre outros – não interessam às editoras brasileiras grandes. É de se louvar, portanto, o final feliz no encontro entre a poesia de Sophia e a crítica brasileira Vilma Arêas, reconhecida pela excelente

bibliografia no campo da narrativa e do teatro. Afortunada e certamente, aqui estão os clássicos não só de uma experiência poética prodigiosa, mas também de uma digníssima vivência pessoal e de uma brava convivência política.

Num repertório, onde se destacam poemas com formas e metros populares e eruditos, geralmente de média extensão, com especial vocação por breves estrofes rigorosamente bem acabadas, com temática entre o mítico (“Aquele que partiu”, Dom Sebastião?), o histórico (“Navegavam sem o mapa que faziam”, “Revolução - Descobrimento”, “25 de Abril”) e o literário (“Soneto à maneira de Camões”, “Cesário Verde”, “Fernando Pessoa”, “Manuel Bandeira”, “Dedicatória da segunda edição do *Cristo Cigano* a João Cabral de Melo Neto”), sobressai um poema pouco citado, “A estrela”, cuja última estrofe (“Nesse lugar pensei: ‘Quanto deserto/ atravessai para encontrar aquilo/ que morava entre os homens e tão perto’”) pode ser interpretada, se associada a um definitivo e definidor *terzetto* à maneira de Sophia, “Coral” (“Ia e vinha/ E a cada coisa perguntava/ Que nome tinha.”), como a estrela guia entre o céu e a sua metade água (“coral”) e entre o céu e a terra (“a cidade dos homens”). A outra metade de Sophia. A sua “Pátria”: “Ó minha pátria e meu centro”.

Movimentos num discurso que volta aos princípios de “Sophia: clássica e anticlássica”, título da introdução de Vilma Arêas que, apoiada em críticos italianos, afirma o que há de melhor na sua leitura da Autora de *O nome das coisas*: “Contendo as contradições que nunca faltam à ideologia, tal classicismo opõe-se ao idealismo atemporal, mas também gera em seu interior seu próprio contrário dialético.” Como numa adaptação de clássicos para os seus contemporâneos, o festejado imaginário helênico de Sophia (“Em Hydra, evocando Fernando Pessoa”, por exemplo) baixa ao mundo dos mortais, onde o “perfeito”, o “exato” e o “puro” se encontram. O tempo vai e vem. O discurso intervém. Dialeticamente.

Completam o volume “Obras de Sophia de Mello Breyner Andresen”, “Lista dos poemas selecionados” e “Fortuna crítica”. No que diz respeito às obras sobre a Autora, para evitar a falsa impressão de que o atentíssimo Dossiê Sophia, no primeiro número de *Metamorfozes*, é da responsabilidade dos membros da Cátedra Jorge de Sena que editam a revista, é justo esclarecer ser ele de autoria de Eucanaã Ferraz, notável professor e poeta. Sugere-se ainda, numa revisão da bibliografia, a indicação de “Dobre/mosdobre: Sophia”. In *Verso com verso*. Coimbra: Angelus Novus, 2003, do autor destas linhas.

Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 2005